



DISCURSO FEMININO: A IMAGEM DA MULHER NA DÉCADA DE 60

Renata Kelen da Rocha (PIC/UEM), Eliana Alves Greco (Orientadora), e-mail: elianagreco@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes – Linguística – 80100007

Palavras-chave: sujeito, condições de produção, discurso feminino

Resumo:

Esta pesquisa, embasada na Análise do Discurso arquitetada por Pêcheux, possui como eixo teórico-analítico as noções de sujeito, de condições de produção e de discurso. Para se constituir, o sujeito é atravessado pela língua e pela história e, com isso, passa a ser determinado socialmente. Além disso, para que ocorra a compreensão dos sujeitos, é preciso considerar as condições de produção. Com vista nisso, o objetivo deste projeto é analisar a imagem da mulher construída no discurso da autora Helena Sangirardi, em seu livro *Coleção feminina: vida em sociedade e no lar*, publicado em 1968, considerando os aspectos sociais, históricos e ideológicos que revelam a imagem do sujeito feminino no final da década de 60.

Introdução

O estudo do discurso, segundo Pêcheux, não é uma passagem natural pelo estudo das palavras à análise do discurso, mas um estudo de assuntos relativos à ideologia e ao sujeito (MUSSALIM, 2004). O sujeito do discurso é aquele que ocupa um lugar social e, a partir desse lugar, enuncia inserido no processo histórico que lhe permite determinadas considerações. Como Mussalim (2004) aponta, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é induzido a ocupar seu lugar em uma formação social e enunciar, a partir disso, o que lhe é possível.

Ao considerarmos esses apontamentos, a proposta desta pesquisa é analisar a imagem do sujeito feminino construída no discurso de Helena Sangirardi, no livro *Coleção feminina: vida em sociedade e no lar*, publicado em 1968.



Materiais e métodos

O *corpus* da pesquisa é constituído por trechos retirados do livro de Helena Sangirardi, *Coleção feminina: vida em sociedade e no lar*, publicado em 1968, que traz dicas e conselhos de como a mulher deve se comportar para que consiga atrair um bom matrimônio. Anteriormente à análise, realizamos um estudo sobre a Análise do Discurso de linha francesa, enfatizando as noções de condições de produção, de sujeito e de discurso. Além disso, também pesquisamos sobre o contexto sócio-histórico e ideológico da década de 60 do século 20, período em que a obra é publicada.

Resultados e Discussão

A Análise do Discurso contempla o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando (BRANDÃO, 2009). Devido a isso, analisaremos, no livro *Coleção feminina: vida em sociedade e no lar*, de Helena Sangirardi, a presença de características sociais, históricas e ideológicas que revelam a imagem da mulher por volta de 1968.

Iniciaremos a análise com o trecho em que a autora diz que a mulher deve ser menos inteligente que o homem, para que tenha sorte no amor: “Realmente a mulher mais burrinha, sempre faz um acêrto melhor. Estamos cuidando da SUA Falta de Sorte no Amor, [...] Faça-se de burrinha e veja o resultado” (p. 29). Notamos, por meio desse discurso, que, na época, não era aceitável uma mulher ser mais inteligente que o homem, pois há instruções claras para que ela dissimule comportamentos para que seja inferior ao namorado, já que precisava ser apenas bonita.

Percebemos que o discurso produzido no livro traz o casamento como o ponto mais importante na vida das moças. Esse discurso é determinado pelas condições históricas e sociais da época em que está inserido, considerando que, na década de 60, a posição da mulher na sociedade era valorizada a partir da realização de um bom casamento, pois, “... da maneira como se organizava a família no sistema patriarcal, o casamento era a forma mais natural de a mulher integrar-se a sociedade” (ARAÚJO, 1993, p. 63).

O casamento representava proteção e sobrevivência econômica, uma vez que era competência do marido zelar pela segurança da esposa e dos filhos. Sendo assim, as mulheres que não conseguissem atrair um marido eram vistas como um insucesso na sociedade. Acreditamos que seja devido a isso, que, no livro, o sujeito produz um discurso que faz com que a moça se sinta inferior e culpada por não estar namorando. Essa ideia é reforçada pelo fato de o pronome possessivo “sua” estar com letras maiúsculas.

Além disso, na sequência, o sujeito diz, em tom ameaçador, que, se a mulher não for atrás de um namorado, poderá não se casar: “você fica



fechada em casa, esperando que o Príncipe Encantado caia do céu? Vai morrer solteirona [...] (p. 24). Nesse momento, há uma interdiscursividade que pode ser inferida a partir do uso da expressão “príncipe encantado”, que remete aos contos de fada e se subentende que o casamento é feliz e mágico, como o idealizado pelas crianças.

Segundo Chauí (1984, p. 32), os contos de fadas são ambíguos, porque, de um lado, possuem um aspecto lúdico e libertador, ao deixarem vir à tona desejos, fantasias e manifestações da sexualidade infantil. Mas, por outro lado, possuem um aspecto pedagógico que intensifica os padrões da repressão sexual, uma vez que narram punições a que estão destinados os transgressores das regras impostas pela sociedade.

Com isso, pressupomos que, ao usar a expressão “príncipe encantado”, o sujeito traz para o discurso toda a carga sócio-ideológica, visto que a mulher que tivesse relações sexuais ou permitisse intimidades antes do casamento correria o risco de não se casar e ficar à margem da sociedade.

Em outro recorte do livro, analisamos que, para que a moça consiga uma união, é necessário ter uma vida social: “Leia e aprenda! Faça um curso de datilografia, ou estenografia. Freqüente uma universidade de Filosofia, um curso de línguas vivas... ou mortas [...] Pinte porcelana [...] Leia, estude, freqüente bibliotecas [...]” (p. 31). Por meio dessa materialidade linguística, o sujeito produz um discurso de que as jovens devem interessar-se e aprender novos assuntos. Contudo, os cursos indicados para a mulher são Filosofia, Letras, pintura, desenho e trabalhos de artesanato, ou seja, mesmo com a emancipação da mulher e sua nova participação no âmbito social, o sugerido para ela se restringe ao cuidado da casa e à educação de terceiros.

Ainda sobre estudos, o sujeito conduz a moça a levar os seus afazeres com afinco, para não usar os estudos e o trabalho apenas com a intenção de casar-se, uma vez que afirma: “leve tudo muito a sério. Não use a escola como um pretexto para arranjar casamento, mas como meio de aprender mais e de manter uma convivência com rapazes” (p. 31). Compreendemos, com isso, que parece haver uma incompatibilidade entre o discurso construído pelo sujeito, porque, quando instiga o estudo e o trabalho, é com a finalidade de que a moça conviva em sociedade e “assim evitará namorar o primeiro que a procurar” (p. 31).

Sendo assim, podemos perceber que há divergências entre o discurso do sujeito e o da sociedade da época, visto que o primeiro pertence a uma formação discursiva feminista, que tenta, de certa forma, instigar a mulher a ter uma vida mais independente, enquanto o segundo pertence a uma formação discursiva machista. O contexto sócio-histórico e ideológico da época conduz o sujeito a produzir um discurso que leva em conta os valores da família, da religião e da sociedade, porque, mesmo com todas as mudanças, a mulher ainda precisa ter um comportamento de acordo com os moldes ditados pelo contexto. Entretanto, esse discurso é atravessado pela



formação discursiva feminista, uma vez que o sujeito está inserido nessa formação discursiva, mas precisa produzir o discurso aceito socialmente.

Conclusões

A pesquisa, situada no âmbito da Análise do Discurso, teve por objetivo analisar, por meio da materialidade linguística, a imagem da mulher, no final da década de 60, e verificar a importância das condições de produção na construção do discurso feminino, tendo como *corpus* trechos constantes na obra *Coleção Feminina: vida em sociedade e no lar*, de Helena Sangirardi.

Nessa obra, observamos que a imagem da mulher construída no discurso é de alguém que precisa ser submissa, sem identidade, para ser aceita na sociedade e se case. Mesmo com as grandes mudanças que a década de 60 trouxe para as mulheres, a formação discursiva machista ainda está presente no discurso do sujeito.

O discurso produzido, nesse “manual” de casamentos, é inserido numa formação discursiva machista, que modela a mulher e oprime seu comportamento e suas escolhas. É o discurso praticado e aceito socialmente na década de 60. No entanto, esse discurso é atravessado pela formação discursiva feminista – um discurso ideológico novo e libertário.

Referências

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A vocação do prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Helena H. N. Analisando o discurso. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz. 2009. Disponível em: <www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2013.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANGIRADI, Helena B. **Coleção feminina**: vida em sociedade e no lar. São Paulo: Nacional, 1968.